

## A ESTÉTICA DA CONTESTAÇÃO: INVASÕES VISUAIS NO PLANO PILOTO DE BRASÍLIA

Sainy C. B. Veloso  
Faculdade de Artes Visuais da  
Universidade Federal de Goiás

### **Resumo:**

Nesta investigação reflito, questiono e narro o passado-presente sociocultural da Nova Capital — Brasília, considerando o contraste visual das formas modernistas do *Plano Piloto* de Brasília e as tendas dos sem-teto em seus espaços urbanos. Para tanto, recorro a fontes oficiais e não oficiais: a arquitetura da cidade, a letra da música “*Brasília - Sinfonia da Alvorada*” de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, dados da Secretaria de Ação Social, entre outros.

Palavras-chave: sem-teto, visibilidade, criatividade.

### **Abstract:**

*In this investigation I reflect, question and narrate the sociocultural present-past of the New Capital — Brasília, considering the visual contrast of the modernist forms of Brasilia's Plano Piloto and the tents of the homeless in its urban spaces. In order to do so, I employ official and unofficial sources: the architecture of the city, the lyrics of the song “Brasília - Sinfonia da Alvorada” by Vinícius de Moraes and Tom Jobim, data of Secretaria de Ação Social, among others.*

*Key words: homeless, visibility, creativity*

Impossível habitar o *Plano Piloto*<sup>1</sup> de Brasília e não perceber o contraste entre o branco do arrojado traçado de seu conjunto arquitetônico e a proliferação das tendas de plástico preto, moradia dos sem-teto, em seus espaços urbanos. Dividindo o mesmo espaço com a população sedentária, com alto índice de qualidade de vida, eles se encontram desabrigados na via urbana da capital do país por diferentes razões. São migrantes e, segundo dados apurados em pesquisa de campo, vieram para a cidade buscando melhorar de vida, ganhar lote do governo, conseguir trabalho, e tratamento de saúde.

Essas expectativas quanto à cidade são reais. Os últimos dados divulgados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram o Distrito Federal como a unidade da Federação com o melhor índice de qualidade de vida, ou seja, a que apresenta os melhores resultados em benefícios sociais.

Todavia, os sem-teto pesquisados estão nas ruas há mais de seis meses; encontram-se em situação de miséria; desempenham ocupações informais no *Plano Piloto*, tais como: lavador e vigia de carros, vendedor de balas, água, doces e chicletes nos semáforos e engraxate, entre outras dessa natureza; perambulam por diferentes motivos pelas ruas da cidade; sua sobrevivência física depende de uma rede secundária, ou seja, de doações da população local, entidades religiosas e/ou entidades públicas de assistência social; seus vínculos com a rede primária — a família e agrupamentos sociais de origem — estão enfraquecidos ou rompidos.

Nesse espaço, eles “somem e aparecem”, de acordo com suas conveniências, driblando os sistemas de controle, diferentemente dos movimentos organizados, como o Movimento dos Sem-Terra — MST, e o Movimento dos Sem-Teto do Centro — MSTC, entidade de São Paulo/SP, dentre outros. De uma maneira geral, durante o dia os sem-teto escolhem os espaços escondidos da cidade para se instalarem para fugirem dos órgãos de vigilância social<sup>2</sup>, os quais agem por meio de representações de forma imediatista, protecionista, controladora e paternalista e, algumas vezes, violenta. No final da tarde, montam suas tendas nas vias urbanas, brincando de esconde-esconde com o espaço maior de visibilidade do espaço público, revelando uma história escondida pela história oficial. Silenciosos em suas práticas de visibilidades<sup>3</sup> conquanto desarticulados de formas de lutas grupais, eles criam contradições e firmam a existência de conflitos sociais de relevância visual.

Impõem, nos espaços públicos de Brasília, práticas visuais, criando, com a arquitetura branca e futurística da cidade, tensas relações de poder. Ora, sabemos que o embranquecimento social incide sobre um conjunto de mecanismos sutis e ardilosos, no qual a identidade dominante nos diversos contextos pós-coloniais — a do homem branco — prevalece e exerce poder sobre as outras identidades, hierarquizando visões de mundo e determinando, conseqüentemente, a “redistribuição” de espaços de poder.

Na contramão dessa visualidade e organização do espaço público, os sem-teto montam suas tendas e tomam banhos nas vias públicas; transitam pelas vias públicas em sentidos contrários aos estabelecidos, com carroças

puxadas por cavalos ou carrinhos empurrados por eles; fixam varais com roupas para secar entre as árvores; chamam a atenção dos transeuntes com formas de vestir e pintar seus carrinhos. Eles habitam territórios inimagináveis, como, por exemplo, um espaço baldio nos fundos do Palácio do Planalto. Espaço estratégico, porquanto saber atuar nesses espaços é garantia de visibilidade e trabalho para eles. É tornar conhecidas suas necessidades, carências e instrumentos de luta para e em sociedade. Neste sentido, a cidade é um ponto estratégico e centro das atenções da mídia. Um exemplo dessa estratégia é a atuação do MST, defendendo ideias, práticas e reivindicações voltadas para a área rural, nas cidades brasileiras. Ser visto é garantia de existir e, conseqüentemente, possuir uma identidade.

## 1. A alvorada de Brasília

A miséria a céu aberto, a fome, a doença, a degradação humana desorganizam a ordem e hegemonia das formas visuais “puras e brancas” do *Plano Piloto* de Brasília. Ela inicia nas tendas de lona preta dos sem-teto, o oposto da utópica cidade *branca e pura* cantada na terceira parte, *A chegada dos candangos*, da letra *Brasília: Sinfonia da Alvorada*<sup>4</sup>:

*[...] Era necessário convocar todas as forças vivas da Nação, todos os homens que, com vontade de trabalhar e confiança no futuro, pudessem erguer, num tempo novo, um novo Tempo. E, à grande convocação que conclamava o povo para a gigantesca tarefa começaram a chegar de todos os cantos da imensa pátria os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra, e que, no calcanho, em carro de boi, em lombo de burro, em paus de arara, por todas as formas possíveis e imagináveis, começaram a chegar de todos os lados da imensa pátria, sobretudo do Norte; foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias; foram chegando de tantos povoados, tantas cidades cujos nomes pareciam cantar saudades aos seus ouvidos, dentro dos antigos ritmos da imensa pátria...  
[...] Para construir uma cidade branca e pura...  
[...] Uma cidade de homens felizes...*

A utopia desta “Nova Era”, acalentadora do signo de uma nova capital para o Brasil, calcava na mesma idéia ilusória de pureza e brancura fincada em terras brasileiras, em 1500, pelos conquistadores europeus. A subjetiva idéia de felicidade, uma das grandes utopias da modernidade, ganhou força no século XVIII, quando foi atrelada à esfera do político<sup>5</sup>, prometendo a utópica efetivação de uma realidade jurídica, na qual apareceriam reconciliadas a Lei social e a satisfação subjetiva. Assim, a ação política que visa construir *uma cidade de homens felizes*, conforme se encontra na letra da música, deve produzir a reconciliação objetiva com a figura institucionalizada do Universal<sup>6</sup>: *uma cidade branca e pura*, sujeitada a uma Lei universalmente partilhada.

Neste sentido, a brancura é o lugar de branco, espaço de reprodução e usufruto de poder. Poder econômico, social, simbólico, cultural. Poder de interpretar realidades, poder de articular e abarcar um conjunto de poderes que ideologizam a dominação que, vez ou outra, conta com a colaboração de membros dos grupos subalternizados, tais como *os trabalhadores: os homens simples e quietos, com pés de raiz, rostos de couro e mãos de pedra*, cantados na letra da música “*Sinfonia da Alvorada*”.

Purismo, brancura e felicidade foram também, proposta de um movimento artístico surgido na França nos anos seguintes ao fim da Primeira Guerra, proposto por Le Corbusier (1887-1965) e pelo pintor e escritor Amedé Ozenfant (1886-1966). É justamente Le Corbusier o redator da “Carta de Atenas”, a qual irá determinar o modelo da chamada *Cidade Funcional*. A Carta prega a separação das áreas residenciais, de lazer e de trabalho, propondo, no lugar do caráter e da densidade das cidades tradicionais, uma cidade-jardim, na qual os edifícios se localizam em áreas verdes pouco densas. A universalidade das soluções arquitetônicas são pensadas para um *homem modular*<sup>7</sup>. Tais preceitos influenciaram o desenvolvimento das cidades europeias após a Segunda Guerra Mundial e a criação do *Plano Piloto* de Brasília por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Atendendo a essa história a respeito de um “novo Brasil”, criou-se um discurso homogêneo, consistente e congruente com as exigências da construção da capital, expresso em diferentes linguagens, como, por exemplo, na linguagem musical da “*Sinfonia da Alvorada*”, e na linguagem escrita da

“Coleção Brasília”. Esta Coleção é uma coletânea histórica e científica sobre Brasília, devendo constar ao seu término, de dezoito volumes, reunindo livros, textos, revistas, discursos e fotografias para registrar a história da cidade<sup>8</sup>. Outorgando a si próprio a realização de um sonho de todos os brasileiros, sonhado desde o século XVIII, o presidente JK, assim apelidado, se instaura como mito fundador<sup>9</sup> e modula uma nova história para o Brasil a partir da nova capital federal. Assim, Brasília torna-se representativa de um signo, o qual comportava em si um valor de congregação, imagem positiva de unidade fraterna, promessa de felicidade e esperança para os brasileiros migrantes, de diferentes regiões, que vieram para construir a nova capital

*[...] foram chegando do Grande Norte, do Meio Norte e do Nordeste, em sua simples e áspera doçura; foram chegando em grandes levas do Grande Leste, da Zona da Mata, do Centro-Oeste e do Grande Sul; foram chegando em sua mudez cheia de esperança, muitas vezes deixando para trás mulheres e filhos a aguardar suas promessas de melhores dias[...]* (A chegada dos Candangos, III parte, Sinfonia da Alvorada).

Todavia, os candangos — assim chamados inicialmente por Juscelino Kubitschek —, reais construtores da cidade, foram alijados de seu projeto e do *Plano Piloto* ao término da construção. Em 1958, antes da inauguração de Brasília, eles foram *retirados de acampamentos irregulares do espaço urbano da cidade, com aproximadamente 15 mil habitantes*, pelo seu primeiro prefeito, Israel Pinheiro (SOUZA, JACCOUD & MACHADO, 1996, p. 60). Fato extremamente irônico ao considerarmos que estes acampamentos eram de operários que trabalharam na edificação da cidade e contraditório à utopia<sup>10</sup> da construção de Brasília, ou seja, a cidade representava a saída do país do subdesenvolvimento, povoamento da região central do Brasil e melhoria de vida para todos. Hoje, a desigualdade social e exclusão é marca significativa no processo de formação da cidade.

A partir dessa perspectiva histórica, percebo que o processo de exclusão dos trabalhadores, iniciado na construção da cidade, toma nova forma no tempo presente, quando inúmeros migrantes sem-teto, povoam as vias da cidade, ainda em busca de trabalho e sobrevivência.

Segundo relatório da Secretaria de Ação Social — SEAS/GEPES, de 2003, atualmente o Distrito Federal conta com cerca de 2.043.000 habitantes. De acordo com dados da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, de 2006, divulgados pelo IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a Região Centro-Oeste surge como um dos polos de atração migratória no Brasil. O Distrito Federal se destaca por registrar que mais da metade dos seus moradores (51,8%) são imigrantes, vindos de diversas regiões do Brasil: do Piauí, da Bahia, de Goiás, de Minas Gerais, Maranhão e Santa Catarina.

Neste contexto, os sem-teto representam 40,9% da demanda migrante por trabalho, segundo dados do relatório do Centro de Albergamento Conviver-CEACON, de 2003. Este mesmo relatório, em sua conclusão, apontou a falta de perspectiva de inclusão dos sem-teto no mercado de trabalho, *“considerando o momento de desemprego estrutural, onde os empregadores passam a demitir trabalhadores para contratar outros, sendo contratada uma nova demanda de trabalhadores com maior grau de instrução e menores salários”* (CEACON, 2003, p. 7). Esse fato aponta para uma cruel realidade para os sem-teto: eles são uma categoria de pessoas descartáveis, sem perspectivas de reinserção no mercado de trabalho e, conseqüentemente, sem perspectivas para o futuro, o que passa a ser uma condenação às suas forças produtivas.

## 2. Brasília. Estranhos começos — exclusão e identidade

Historicamente, segundo o geógrafo Aldo Paviani (1985), Brasília já nasceu com um veredicto iníquo sobre seus espaços. É fato que a construção de seu *Plano Piloto* só foi possível graças à coragem e à crença dos pioneiros e candangos em estar construindo um país melhor, não só para si mesmos como também para seus filhos. Todavia, a história de ocupação e construção dos espaços físicos da cidade foi urdida nas lutas pela conquista da terra, cidadania e direito de morar, tal como podemos perceber na histórias das primeiras cidades-satélites, conforme nos conta Paviani.

O diretor da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, NOVACAP, de 1956 a 1961, Ernesto Silva (2006, 79) relata a pressa desumana em construir a cidade e o empenho coletivo motivado pela esperança de desenvolvimento e um melhor futuro para todos, quando afirma: *“Em primeiro lugar, por causa da determinação de Juscelino Kubitscheck, que impôs um trabalho de 24 horas ininterruptos”*. Lúcio Costa, em sua última entrevista<sup>11</sup>, se pergunta: *“Porque a cidade é muito combatida? Ficou uma oportunidade perdida, porque o problema social não foi resolvido [...] desde o tempo da colônia, da escravidão, o Brasil era essencialmente um país escravo? [...] Como se pode, da noite pro dia, mudar?”*

Lúcio Costa reconhece a cidade de Brasília como símbolo nacional identificado na Praça dos Três Poderes. Alega ser a cidade muito combatida pela oportunidade perdida em tratar a questão social, e argumenta ser um tempo muito curto — o da construção de Brasília — para resolver a questão social advinda de séculos. De maneira lacônica e dúbia, perfila o Brasil como um país histórico e essencialmente escravo, deixando subentendida a exploração da mão de obra dos operários candangos.

O presidente da Novacap, Israel Pinheiro (BAHOUTH JR., 1978, p. 68), confirma esse processo de exclusão desde o início da construção de Brasília, quando afirma que não só *de [...] ‘graúdos’ e ‘funcionários’ a cidade era construída. Antes, muito antes, os primeiros aqui chegados, sem ‘dívida de mão beijada’, tinham apenas o direito de permanecer em Brasília, no máximo até 21 de abril, quando os tratores desapareceriam com a Cidade Livre.*

A despeito de essa afirmação inicialmente parecer de ordem democrática, justa e igualitária, essa *cidadania concedida*, tão bem discutida por Tereza Sales (1994), mostra sua face perversa quando, não mais servindo ao projeto de construção da nova capital, uma vez concluída, os operários deveriam dela sair, em data estipulada para a inauguração da cidade. A construção da cidadania é assim vinculada, contraditoriamente, à não cidadania do homem pobre, negro e livre, dependente do senhor territorial, detentor do monopólio privado do poder, para usufruir seus direitos. Esse senhor tem o poder de assentar, conceder cidadania e dela dispor quando bem assim entender. Assim concedida, afirma Tereza Sales (1994), ela é

reproduzida pela cultura como uma “dádiva”. Entretanto, sua finalidade é exatamente o oposto. As relações de dependência, tutela, concessão, autoridade e favor são uma violência simbólica, norteadoras da prática política, social e cultural no Brasil. Na declaração de Israel Pinheiro, o Estado autoritário crê dispor do direito de ir e vir desses pioneiros em Brasília quando salienta seus direitos “de permanecer em Brasília no máximo até 21 de abril”. Dentro dessa lógica, esse “bem” em permanecer incluso é sempre o bem doado por alguém soberano e é, por vezes, exaltado como qualidade do caráter nacional. Podendo, inclusive, ser retirado quando este assim o quiser.

Durante as obras de construção de Brasília, burlando seu planejamento, inúmeras pessoas sem moradias, os primeiros sem-teto da cidade, desenvolveram dentro de seu *Plano Piloto* pequenos focos de “invasões”, na maioria das vezes em torno de canteiros de obra, ali permanecendo após a conclusão da obra. Assim, teve início a invasão do IAPI — Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, a Vila Tenório, a Vila Esperança, a Vila Bernardo Sayão, dentre outras. Após a inauguração do *Plano Piloto* de Brasília, faltaram condições econômicas e sociais, ou seja, a oferta de emprego não crescia na mesma proporção, numérica e qualitativamente, em face da demanda. Surge então, após 1960, uma política de implantação de grandes conjuntos habitacionais, intensamente exercida pela administração local, sem nenhuma infra-estrutura urbana ou comunitária. Em 1969, com apenas nove anos de fundação, Brasília já contava com 70.128 favelados, morando em 14.607 barracos, em condições subumanas, para uma população prevista de 500 mil habitantes em todo o Distrito Federal (PAVIANI, 1997).

Em 1988, assume como governador do Distrito Federal, Joaquim Domingos Roriz, nomeado pelo então presidente José Sarney. Sua política eleitoreira retirou do *Plano Piloto* sessenta e quatro invasões e favelas, oferecendo lotes para as 130 mil famílias desalojadas. Com isso, diversas cidades foram construídas. Essa política de distribuição de lotes desenvolvida por Joaquim Roriz ainda atrai muitos migrantes para Brasília. Desta maneira, o Distrito Federal iniciou a década de 90 com 1,6 milhão de pessoas, e menos da metade de seus habitantes estavam no *Plano Piloto* (MORELLI, 2002).

Não obstante Brasília ser considerada, pelo seu conjunto arquitetônico, desde 1987, Patrimônio Histórico da Humanidade pelo *World Heritage Committee*, da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO), o *Plano Piloto* mostra ser hoje, em 2008, sitiado por inúmeras cidades administrativas e invasões periféricas de terras da União.

O problema da migração em Brasília agrava a taxa de desemprego, que subiu de 17,7% em julho para 18,1%, em agosto (apud BARRETO, 2008), além do aumento do índice de violência e delinquência juvenil. Conquanto os sem-teto não possuam a terra prometida, a maioria deles tem título de eleitor e se insere em um contexto estimado em 1.655.050 eleitores,<sup>12</sup> no Distrito Federal.

Resta aos sem-teto, legitimados somente como números de estatísticas da pobreza ou do eleitorado, o descaso como produção histórica no Brasil, com distintos significados, tanto no contexto da sociedade como no universo particular das pessoas atingidas. Para os demais habitantes da cidade, o conjunto arquitetônico do *Plano Piloto* de Brasília representa patrimônio histórico da humanidade, beleza arquitetônica, centro do poder político e administrativo. Todavia, a cidade se mostra também efígie de como nós — artistas, intelectuais, políticos, historiadores e outros — estamos por demais imbuídos de um pensamento hegemônico e de seus mecanismos de dominação, esquecendo-nos de questionar nosso próprio lugar e pactuando, taciturnamente, com ideais de beleza.

## NOTAS

<sup>1</sup> O *Plano Piloto* corresponde à área originalmente concebida para o poder público, político e administrativo. Posteriormente, a cidade se expandiu para as cidades inicialmente chamadas, de cidades-satélites. Hoje são cidades administrativas, por já possuírem vida própria (PAVIANI, 1985).

<sup>2</sup> Em Brasília, os sem-teto reclamaram, em pesquisa de campo, do Centro de Desenvolvimento Social — CDS, Administração de Brasília e Juizado de Menores.

<sup>3</sup> Considero visibilidade como o jogo de força e relações de poder das representações visuais, não restritas somente às questões perceptivas.

<sup>4</sup> Conhecida como *Sinfonia de Brasília*, é dividida em cinco partes. Foi encomendada a Vinicius de Moraes e Tom Jobim pelo presidente Juscelino Kubitschek em fevereiro de 1958. Contudo, a *Sinfonia* só foi executada em 1966, na TV Excelsior de S. Paulo. Uma segunda apresentação deu-se na Praça dos Três Poderes em Brasília, em 1986.

<sup>5</sup> Em 3 de março de 1794, a declaração de Saint-Just, pronunciada na Tribuna da Convenção, anunciava: *A felicidade é uma idéia nova na Europa*. Para Saint-Just, a felicidade era uma idéia nova na Europa atrelada à esfera do político. Neste sentido, o primeiro parágrafo da Declaração que precede a Constituição de 1793 deixa evidente tal intento: *O objetivo da sociedade é a felicidade geral e o governo é seu defensor* (SAFATLE, 2007).

<sup>6</sup> Ponto comum em todos os projetos de teoria política na modernidade, como em Kant e Hegel.

<sup>7</sup> Le Corbusier elaborou um sistema de proporções largamente utilizado por ele em suas construções. O sistema surgiu do desejo de seu autor de não converter ao sistema métrico decimal as unidades como pés e polegadas. Ao invés disso, Le Corbusier passou a se referenciar a medidas modulares baseadas nas proporções de um indivíduo imaginário (inicialmente com 1,75 m e mais tarde com 1,83 m de altura). O sistema foi mais tarde baseado-se na proporção áurea e na sequência de Fibonacci.

<sup>8</sup> Esses livros se encontraram na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> Estudado e comentado por Márcio Oliveira (2005).

<sup>10</sup> A construção de Brasília comportava o sonho de que a cidade tiraria o país do subdesenvolvimento.

<sup>11</sup> Realizada em 31 de maio de 1988, no Rio de Janeiro, pelo Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal, no Projeto Memória da Construção de Brasília.

<sup>12</sup> Dados do **Crescimento do Eleitorado 2000 a 2006**. Disponível em: [http://agencia.tse.gov.br/sad/AdmAgencia/estatistica/cresc\\_2000-2006.html](http://agencia.tse.gov.br/sad/AdmAgencia/estatistica/cresc_2000-2006.html). Acesso, 02/02/2008.

### Referências bibliográficas:

BARRETO, Rócio Stefson Neiva. Qualidade de vida no Distrito Federal. **Relatório de Qualidade de Vida no Distrito Federal**. Article Marketing Brasil. Disponível em: <http://www.artigosbrasil.net/art/politica/3069/qualidade-vida-brasil.html>. Acesso em: 04/06/2008.

CENTRO DE ALBERGAMENTO CONVIVER – CEACON. SEAS/GEPES - Gerência Programática de Proteção Social do Distrito Federal. Taguatinga. **Relatórios**, 2000, 2003, 2005.

IBGE. SÍNTESE DE INDICADORES SOCIAIS. **Pesquisa por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, 2004. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadores\\_minimos/sinteseindicsoais2004/default.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadores_minimos/sinteseindicsoais2004/default.shtm). Acesso em: 04 jul. 2007.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. SECRETARIA DE ESTADO DE AÇÃO SOCIAL. DIRETORIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Relatórios anuais do perfil socioeconômico dos usuários atendidos no Centro de Albergamento Conviver/CEACON**, de 2003 a 2005.

MORELLI, Ana L. F. **Correio Braziliense: 40 anos** - Do pioneirismo à consolidação - Universidade de Brasília, 2002.

OLIVEIRA, Márcio. **Brasília: o mito na trajetória da nação**. Brasília: Biblioteca Brasília/Paralelo 15, 2005.

PAVIANI, Aldo. **Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão**. São Paulo: Projeto, 1985.

\_\_\_\_\_. Brasília: cidade e capital. In: NUNES, Brasilmar Ferreira et al. (Org.). **Brasília: a construção do cotidiano**. Brasília, DF: Paralelo 15, 1997.

SAFATLE, Vladimir. Pós-modernidade: utopia do capitalismo. **Revista Virtual Trópico**, São Paulo. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2446.1>. Acesso em: 18 abr. 2007.

SALES, Teresa. Raízes da desigualdade social na cultura política brasileira. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.25, ano 9, jun. 1994, p. 26-37.

SILVA, Ernesto. O grito de alerta. Entrevista **Revista virtual Brasília em Dia**. Disponível em: [http://www.brasiliaem dia.com.br/2006/10/6/Pagina979.htm](http://www.brasiliaemdia.com.br/2006/10/6/Pagina979.htm). Acesso em: 05/12/2006.

SOUSA, N. B; MACHADO, M. S.; JACCOUD, L. de B. Taguatinga: uma história candanga. In: PAVIANI, A. (Org.). **Brasília: moradia e exclusão**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

## **CURRÍCULO RESUMIDO**

Sainy C. B. Veloso é doutora em História Cultural pela Universidade de Brasília e professora da Faculdade de Artes da Universidade Federal de Goiás.